

A INTERNALIZAÇÃO DE IDEOLOGIAS NA SUBORDINAÇÃO DA ONTOLOGIA À PRÁXIS

Weber Mendes de Paula¹

1

Resumo: A formação da consciência do ser se refere às relações sociais que o cerca e estas tem como componente central o trabalho em geral, o qual funda a práxis cotidiana e está no contexto da indústria cultural, esta, opera com as ideias das classes dominantes no contexto geral retroalimentando a práxis cotidiana, terreno das relações sociais em que germina as ideologias. Contudo, em que pese os aspectos objetivo e subjetivos em que surge e se desenvolvem as ideologias, mediada pela estrutura econômica e imediatamente articulada com a estrutura psíquica, ganha relevo o subjetivo submetido a intensa opressão uma vez que na prática social a pressão da coletividade sobre o indivíduo é coagulada na cultura na forma de valores, signos e sentidos elaborados e amplamente divulgados por meio da comunicação de massa e códigos linguísticos nas relações interpessoais. Assim, opera-se no tecido social, uma internalização destes valores por meio do processo de socialização de cada indivíduo, decorrente da abstração do sistema pelo indivíduo, permitindo neste, uma relação entre o mundo objetivo e subjetivo e consequentemente uma coincidência entre realidade exterior e interior o que permeia o indivíduo com ideias dominantes do mundo exterior. A repressão exterior pelas ideias dominantes atua de forma violenta no mundo subjetivo do indivíduo deslocando este do afastamento das exigências da realidade, mundo objetivo, em movimento de contradição a si mesmo. A desrazão objetiva bloqueia o afastamento da realidade como dada por meio da violenta repressão, a ponto de fornecer uma realidade em que a objetividade irracional se converte em uma vida realizada como seu contrário, a subjetividade racional.

Palavras-chave: Objetividade; Subjetividade; Trabalho; Cultura

THE INTERNALIZATION OF IDEOLOGIES IN THE SUBORDINATION OF ONTOLOGY TO PRAXIS

Abstract: The formation of the consciousness of the being refers to the social relations that surround it and these have as a central component the work in general, which founds the daily praxis and is in the context of the cultural industry which operates with the ideas of the dominant classes in the general context. feeding back daily praxis, the terrain of social relations in which ideologies germinate. However, despite the objective and subjective aspects in which ideologies arise and develop, mediated by the economic structure and immediately articulated with the psychic structure, the subjective subject to intense oppression gains importance. Since, in social practice, the collective pressure on the individual is coagulated in the culture in the form of values, signs and meanings elaborated and widely disseminated through mass communication and linguistic codes in interpersonal relationships. Thus, an internalization of these values takes place in the social fabric through the process of socialization of each individual, resulting from the abstraction of the system by the individual, allowing a relationship between the objective and subjective world, consequently a coincidence between external and internal reality, which permeates the individual with dominant ideas from the outside world. The external repression by the dominant ideas acts violently in the subjective world of the individual, moving him away from the demands of reality, in a movement of contradiction to himself. Objective unreason blocks the departure from reality as given through violent repression, to the point of providing a reality in which irrational objectivity becomes a realized life as its opposite, rational subjectivity.

KEYWORDS: Objectivity. Subjectivity. Work. Culture

¹ Doutorando em educação pela Universidade Federal de Goiás. Docente No Instituto Federal de Educação de Goiás. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3920075067737561> Orcid: 0000-0001-9714-0568 E-mail: maxwebermp@yahoo.com.br. Membro dos núcleos de pesquisa, NEVIDA sobre violência, infância, diversidade e arte erradicado na Universidade Federal de Goiás. COEESA, estudos e pesquisas sobre corpo, estética, exercícios e saúde, erradicado na Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

INTRODUÇÃO

2

Tendo o trabalho enquanto instância mediadora e como componente central da formação do ser, busca-se por meio de uma visão crítica das relações sociais, a compreensão daquilo que de fato é o trabalho e nesta direção perceber uma formação para além daquela que se dá pelo trabalho e para o trabalho, para o entendimento de algumas das relações possíveis entre ontologia e práxis em que as ideologias ganham relevo.

Tanto no campo social quanto no científico, é largamente conhecida a realidade de que o trabalho posiciona o ser na esfera das relações sociais. Porém, é a partir de Hegel que se pode afirmar que o trabalho é o componente formador da consciência dos homens, pois segundo este autor, a consciência encontra-se a si mesma por meio do trabalho.

[...] O trabalho, ao contrário, é desejo refreado, um desvanecer contido, ou seja, o trabalho forma. A relação negativa para com o objeto torna-se a forma do mesmo e algo permanente, porque justamente o objeto tem independência para o trabalhador. Este meio termo negativo é, ao mesmo tempo, a singularidade, ou o puro ser-para-si da consciência, que agora no trabalho se transfere para fora de si no elemento do permanecer; a consciência trabalhadora, portanto, chega assim à intuição do ser independente, como [intuição] de si mesma. [...] no formar, o ser-para-si se torna para ele como o seu próprio, e assim chega à consciência de ser ele mesmo em si e para si. [...] assim, precisamente no trabalho, onde parecia ser apenas um sentido alheio, a consciência, mediante esse reencontrar-se de si por si mesma, vem-a-ser sentido próprio. (HEGEL, 1992, p. 132-133)

Portanto, trabalho é processo de exteriorização da consciência do ser. Quando o objeto resulta do trabalho, “A consciência aí é para ela mesma, mas não é o ser-para-si; porém, encontra-se a si mesma por meio do trabalho” (HEGEL, 1992, p. 132). Por toda a sua característica de realização para o ser humano, por todo o seu potencial de alteração da consciência do ser, o trabalho é identificado como componente-chave do ser social. Hegel está tratando do trabalho em geral e este em seus desdobramentos se compõe do processo, do produto e dos meios de realização do trabalho. Enquanto o processo de trabalho atua na formação da consciência, é a consciência mesma a origem do processo de elaboração para a consecução de todo o trabalho e, evidentemente, tal processo de elaboração é um atributo exclusivo do homem.

Os nexos estruturas e processos decorrentes do trabalho enquanto ação dos homens entre si e sobre a natureza, apontam para o desenvolvimento histórico da sociabilidade humana e é nas relações sociais que surgem as formas ideológicas. Contudo, apesar de ser um conceito muito usado,

é errôneo compreender o conceito de ideologia em seu uso pejorativo, que representa uma realidade social indubitavelmente existente, como formação arbitrária do

pensamento de pessoas singulares. Antes de qualquer coisa: enquanto alguma ideia permanecer o produto do pensamento ou a alienação do pensamento de um indivíduo, por mais que seja dotada de valor ou de desvalor, ela não pode ser considerada como ideologia. Nem mesmo uma difusão social relativamente mais ampla tem condições de transformar um complexo de ideias diretamente em ideologia. (LUKÁCS, 2013, p 335)

3

Depreende-se desta orientação que não é a o caráter das ideias em relação a uma moral, em relação à verdade dos fatos que define se tal conjunto de ideias é ideologia, nem tampouco pode-se considerar como ideologia ideias que são produto de um determinado indivíduo apenas. “A ideologia é sobretudo a forma de elaboração ideal da realidade que serve para tornar a práxis social humana consciente e capaz de agir.” (Lukács, 2013, p 335) Assim, uma ideia ou um conjunto de ideias podem se tornar ideologia na medida em que se presta à compreensão da realidade em nível de atuação sobre ela. Lukács, 2013 acrescenta que as ideias podem se converter em ideologia só depois que tiverem se transformado em veículo teórico ou prático para enfrentar e resolver conflitos sociais, sejam estes de maior ou menor amplitude, determinantes dos destinos do mundo ou episódicos.

IDEOLOGIAS, ONTOLOGIA E PRÁXIS

Procura-se desenvolver um texto de caráter explicativo com base em pesquisa bibliográfica que teve como recorte central as políticas que envolvem sociedade civil e Estado especialmente no Brasil, porém se reportando sob certos ângulos a países estrangeiros. Destarte, para o que se refere às expressões culturais e cotidianas, é importante ter em vista que “as ideologias em conflito entre si assume as formas mais díspares no curso da história, podendo se manifestar como interpretação de tradições, de convicções religiosas, de teorias e métodos científicos etc., que, no entanto, constituem sempre antes de tudo meios de luta” (LUKÁCS, 2013, p 336) De um modo geral, as tradições e crenças surgem e se colocam em marcha nas representações sociais de um modo espontâneo, mas fundamentalmente se convertem em ideologias quando se prestam a dirimir conflitos sociais e consequentemente volta-se para a práxis. A circunstancia que exemplifica tal fato se mostra quando,

um interesse que se anuncia geral como meramente particular, ou a proclamação de um interesse tido como particular como autenticamente social, portanto, geral. O fenômeno em si pode ser comprovado em todas as áreas e estágios da práxis social. Os homens costumam justificar ideologicamente o seu próprio proceder (seus interesses de classe, na medida em que são operantes como motivos impulsionadores de sua conduta pessoal de vida, e também seus interesses personalíssimos)

²justamente através dessa elevação ao plano universal; desde a educação até a práxis econômica e política ocorre a tendência de engendrar uma autojustificação no sentido de que o seu próprio modo de agir é a simples realização dessas normas gerais e de que toda censura se desvia deles, não corporificando essa universalidade. Desse modo, a universalidade, a generalização, já adquire um colorido ideológico (...) (LUKÁCS, 2013, p 352)

4

É neste contexto que se afirma que “as ideias da classe dominante são em cada época as ideias dominantes. A classe que é a força material dominante é a força espiritual dominante.” (Marx, 1999, p. 47) E este mesmo autor nos situa no que devemos entender por ideias dominantes em relação às condições materiais de existência: “As ideias dominantes não são nada mais do que a expressão ideal, ideológica das relações materiais dominantes, são as relações materiais dominantes apreendidas como ideias; portanto, são a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante, são as ideias de sua dominação.” (Marx, 1999 p 47-48)

Destarte, considerando a centralidade do trabalho nas relações sociais, pode-se afirmar que se opera uma vasta subordinação espiritual do homem, pois, nas relações reais travadas cotidianamente os indivíduos encontram-se subsumidos frente à dinâmica do trabalho, uma vez que este passa a “(...) subordinar da mesma maneira todos os sectores da produção espiritual a este fim único: ocupar os sentidos dos homens da saída da fábrica, à noitinha, até a chegada ao relógio de ponto, na manhã seguinte com o selo da tarefa de que devem se ocupar durante o dia (...)” (ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p. 61)¹. Como as relações sociais se constituem das relações entre os indivíduos, uma vez que estes subordinam a sua ontologia à sua práxis no tecido social de modo prático e espiritual por meio de sua imersão no trabalho e na indústria cultural², simultaneamente encontram-se sob o poder social, o qual

(...) é hoje mais do que nunca mediado pelo poder sobre as coisas. Quanto mais intensa é a preocupação do indivíduo com o poder sobre as coisas, mais as coisas o dominarão, mais lhe faltarão os traços individuais genuínos, e mais a sua mente se transformará num autômato da razão formalizada. (HORKHEIMER, 2002, p 130-131)

Portanto, o desejo pelo poder sobre as coisas seja para o distanciamento das necessidades materiais ou pelo privilégio nas relações interpessoais, retém e subalterniza o indivíduo às próprias coisas tornando-o instrumento do mundo dos objetos. Este desejo pelo poder, é também aguçado pela indústria cultural, o que reforça sobremaneira na prática social

² Este dispositivo constitui um dos elementos da chamada indústria cultural.

² O termo indústria cultural foi estabelecido por Adorno e Horkheimer em dialética do esclarecimento, livro de 1947, afim de demonstrar que os processos de adesão popular poderiam ser fabricados pelos meios de comunicação de massa.

uma manipulação material e espiritual dos indivíduos que nela se movimentam. Na base deste cenário se articula a práxis de cada indivíduo a subordinar a sua própria ontologia, o que remete a uma imagem lacrada das relações que se dão entre os indivíduos.

Para o indivíduo cativo, cuja vida é inteiramente subordinada às leis de mercado – não apenas (como no século XIX) na esfera da produção, mas também na esfera do consumo, da recreação, da cultura, da arte, da educação e das relações pessoais – parece impossível romper a prisão social. A “experiência cotidiana” reforça e interioriza a ideologia neofatalista da natureza imutável da ordem social do capitalismo tardio. Tudo que resta é o sonho da fuga – por meio do sexo e das drogas, que por sua vez são imediatamente industrializados. (MANDEL, 1982, p. 352)

Não obstante, outra perspectiva de ideologia se mostra esclarecedora quando se observa a subordinação do processo ontológico à práxis. Em considerando que a ideologia da classe dominante se transforma na ideologia de toda a sociedade, Reich citado por Rouanet 1983 aponta que

(...) Este resultado não é alcançado expondo os indivíduos a um “verniz de atitudes e opiniões”, mas através de um processo em profundidade, pelo qual cada geração emergente é estruturalmente modelada em sua organização psíquica segundo uma forma compatível com os interesses do sistema de poder. (REICH apud ROUANET, 1983, p 35, grifos do autor)

E é neste sentido que se insere a ideologia como instrumento de subordinação da ontologia à práxis. Para estes autores a ideologia desenvolve uma função dupla no curso de sua materialização a se distinguir por uma função objetiva e uma função subjetiva.

A primeira está enraizada historicamente aos interesses das classes dominantes, e consiste na metamorfose desses interesses em sistemas de ideias, cujo objetivo é mascarar esses interesses e facilitar sua realização efetiva. A segunda consiste na alteração psíquica dos indivíduos, afim de tornar as classes subalternas receptivas ao sistema de poder. (Idem)

Rouanet apresenta uma importância crucial ao que ele denomina núcleo subjetivo, identificado para além do solo histórico e social, das condições socioeconômicas, do solo de base material do qual brotam e são autorizadas as emergências das ideologias. Este autor aponta que este núcleo,

Está localizado no “aparelho psíquico” dos indivíduos submetidos a essas condições socioeconômicas. Ao formarem e assimilarem ideologias, os indivíduos se modificam e se constituem, enquanto personalidades adaptáveis ao sistema de poder, e submissos às suas exigências. É por isso que a ideologia está sujeita a uma dupla determinação. (Rouanet, 1983, p 35, grifos do autor)

Para este autor, a ideologia está materialmente determinada de duas formas: mediada pela estrutura econômica da sociedade, e imediatamente articulada com a estrutura psíquica típica dos homens que a produzem, a qual, por sua vez, é condicionada pela mesma estrutura econômica. (REICH apud ROUANET, 1983, p 37-38)

Contudo, ao deslindar a materialidade da ideologia, suas imbricações com a estrutura econômica e seu núcleo subjetivo identificado no aparelho psíquico dos homens, constata-se que “A opressão material se contrário da sexual, não gera ideologias (...) a frustração das necessidades materiais – a fome – leva à revolta.” (Rouanet, 1983, p 38). Por este motivo, as condições materiais embora extremamente relevantes para o entendimento da materialização das ideologias e por sua vez do entendimento da subordinação da ontologia à práxis humana, é insuficiente para sustentar apenas por ela mesma uma argumentação cabal sobre a ideologia.

Por outro lado, embora esteja também como elemento fundante para explicar a ideologia, as condições materiais não estão no centro da materialização da ideologia, e sim o aspecto subjetivo, o núcleo subjetivo da ideologia, pois diferentemente da fome, “A opressão sexual, (...) devido ao caráter infinitamente plástico e sublimável da libido, não somente não leva à revolta como impede a revolta contra a própria opressão material.” (REICH apud ROUANET, 1983, p. 39). Em suas explicitações posteriores, estes mesmos autores afirmam que é este o ponto nodal de adesão das ideologias quando afirma que, “É a opressão sexual que prepara o caminho para a internalização das ideologias legitimadoras da autoridade, e que leva o oprimido a identificar-se exatamente com aquelas instâncias que o oprimem, não somente sexualmente, como também materialmente.” (Reich apud Rouanet, 1983, p 39). Esta realidade da sociedade burguesa no que se refere às relações sociais de organização da vida, parece reter em si mesma e desmobilizar, todas as perspectivas de uma organização social para além da prática social burguesa. Porém, os atores e vítimas desta realidade vivem um progresso desumano e por isso, conscientes ou inconscientes aspiram outro horizonte.

Todavia, a realidade vivida está organizada pelas relações sociais, e nesta, o indivíduo é posicionado por um processo de socialização regido por leis, costumes, cultura, perfazendo a prática social. Porém, os indivíduos não procedem exatamente como gostariam, nem tampouco praticam as relações interpessoais da maneira que desejam, pois, “[...] os homens fazem a sua própria história; contudo, não a fazem de livre e espontânea vontade, pois não são eles que escolhem as circunstâncias sob as quais ela é feita, mas estas lhes foram transmitidas assim como se encontram” (MARX, 2011, p. 25). Tais circunstâncias são as próprias relações burguesas que submetem materialmente e espiritualmente os indivíduos nestas relações, e ofusca a estes, outros horizontes de possibilidades.

A pressão do geral dominante sobre tudo que é particular, os homens individualmente e as instituições singulares, tem uma tendência a destroçar o particular e o individual juntamente com seu potencial de resistência, as pessoas também perdem as suas qualidades (ADORNO, 1995, p 122)

Na prática social esta pressão da coletividade sobre o indivíduo é coagulada na cultura na forma de valores, signos e sentidos elaborados e amplamente divulgados por meio da comunicação de massa e códigos linguísticos nas relações interpessoais. Assim, opera-se no tecido social, uma internalização destes valores por meio do processo de socialização de cada indivíduo, e assim,

A abstração de papéis e atitudes com significação concreta para o indivíduo, forma a sua consciência e marca uma fase decisiva na socialização. Implica a interiorização da sociedade enquanto tal e da realidade objetiva nela estabelecida e, ao mesmo tempo, o estabelecimento subjetivo de uma identidade coerente e contínua. A sociedade, a identidade e a realidade cristalizam subjetivamente no mesmo processo de interiorização. (BERGER; LUCKMANN, 1985, p 179)

Deste modo, quando este sistema de significações abstraídas pelo indivíduo em seus processos de internalização, (...) cristaliza em sua consciência, estabelece-se uma relação simétrica entre a realidade objetiva e a subjetividade. Aquilo que é real “fora” corresponde ao que é real “dentro”. A realidade objetiva pode ser facilmente “traduzida” em realidade subjetiva, e vice-versa. (BERGER; LUCKMANN, 1985, p 179)

Este mecanismo de mediação entre o mundo interior e exterior do indivíduo, apresenta ainda que de modo impreciso a relação de subordinação da ontologia de formação do ser social à sua práxis cotidiana. Porém, na busca de um horizonte que supera o bloqueio de perspectivas para além desta subordinação, a qual no quadro das relações sociais vigentes se aprofunda e se amplia, destaca-se o indivíduo diante do processo social que tende a submetê-lo face às suas aptidões.

(...) evidentemente a aptidão para se orientar no mundo é impensável sem adaptações. Mas ao mesmo tempo impõe-se equipar o indivíduo de modo tal que mantenha suas qualidades pessoais. A adaptação não deve conduzir à perda da individualidade em um conformismo uniformizador (...) (ADORNO, 1995, p. 144)

Portanto, como é possível ao indivíduo preservar o seu eu, os seus desejos particulares que não se resumem à prática de relações de trabalho e comerciais subsistente na dinâmica burguesa. Como é possível ao indivíduo constituir o seu processo ontológico de modo que este não seja a imagem e semelhança de sua práxis cotidiana, ou, como é possível que o indivíduo realize a sua prática social não subalternizada às relações burguesas.

Uma aproximação das estruturas, processos e nexos que compreendem a ontologia do ser, possibilita alguns avanços para o entendimento de lacunas no curso da falsa consciência na relação ontologia/práxis. Tais avanços se referem a superação da concepção burguesa de sociedade e por este motivo se aportam em critérios ontológicos materialistas dialéticos, os quais em linhas gerais, apresentam estes como os três dos principais princípios estruturadores

da ontologia materialista histórica e dialética de Marx e Engels: a ontologia do ser social supõe uma ontologia geral; o papel central do espelhamento dialético da realidade objetiva; e a práxis em suas dimensões objetiva e subjetiva (LUKÁCS, 2012).

Tendo por direção a concepção de como se articula a práxis, a perspectiva volta-se para uma apreensão das nuances que compreendem os aspectos objetivo e subjetivo da práxis, e sua análise nos leva à dialética que, enquanto movimento, cruza a relação teoria/prática e aponta para uma síntese de apropriação da realidade, superior ao momento anterior. Contudo, a projeção do controle prático espiritual dos indivíduos na sociedade, permeia até mesmo este processo de desenvolvimento da dialética no fazer/pensar dos indivíduos, alterando-o sobremaneira.

Este processo pode ser evidenciado quando a abordagem de uma determinada temática mobiliza categorias para a formação de um conceito. Ainda que adequadamente tomado da realidade, o objeto para o qual se volta o conceito levará a uma falsa investigação caso ignorada a determinação do objeto pela totalidade, o que transforma o conceito em conhecimento determinado.

Efetivamente, o conceito é a razão suficiente da coisa, na medida em que a investigação ao menos de um objeto social se torna falsa quando se limita a interdependências no interior de seu domínio - interdependências que fundaram o objeto - e ignora a determinação do objeto pela totalidade. Sem o conceito supraordenado, essas dependências dissimulam a mais real dentre todas, a dependência da sociedade, e ela não saberia ser introduzida adequadamente a partir das *res* singulares que o conceito tem sob si. Mas ela não aparece senão através do singular, e é por meio daí que o conceito se transforma uma vez mais no conhecimento determinado. (ADORNO, 1966, p. 142)

Este procedimento encontra a sua exemplificação nos métodos de apropriação e explicitação da realidade de Max Weber. Tal procedimento, como exposto, subverte a relação real entre o conceito e o conhecimento, na medida em que inverteu anteriormente a determinação totalidade/objeto, na qual se destaca o objeto da realidade, e no interior deste produz-se um conceito baseado na interação de objetos auxiliares para então remeter este conceito à realidade. (ADORNO, 1966).

Uma análise mais detida deste procedimento revela de modo preciso o movimento de inversão que compromete a apreensão da realidade, pois, opera-se aí uma dinâmica a qual no decurso dos momentos dialéticos que aquela percorre aponta para a uma síntese, porém, não superior qualitativamente ao ponto de partida, pois este desconsiderou a totalidade e aponta por isso mesmo, para uma apreensão particular do real e por consequência bloqueia a apreensão da realidade mesma.

Quando uma categoria se transforma – por meio da dialética negativa, a categoria da identidade e da totalidade –, a constelação de todas as categorias se altera, e, com isso, uma vez mais cada uma delas. Os conceitos de essência e de aparência são paradigmáticos para isso. Eles provêm da tradição filosófica, são mantidos mas invertidos na tendência de sua direção. A essência não pode mais ser hipostasiada como um puro ser-em-si espiritual. (ADORNO, 1966, p. 142)

Este movimento de involução no percurso de apropriação da realidade por meio da dinâmica dialética, fica ainda mais claro quando se evidencia que,

A essência converte-se muito mais naquilo que é velado sob a fachada do imediato, sob os pretensos fatos, e que faz deles aquilo que eles são, a lei da fatalidade à qual a história obedeceu até o momento; e isso tanto mais irresistivelmente quanto mais profundamente ela se oculta entre os fatos, a fim de se deixar desmentir por eles de maneira confortável. Uma tal essência é antes de tudo inessência, a organização do mundo que rebaixa os homens a um meio de seu *sese conservare*, que amputa e ameaça suas vidas, reproduzindo-as e fazendo-os acreditar que o mundo seria assim algo para satisfazer suas necessidades. (ADORNO, 1966, p. 142)

Neste sentido de regressão dialética, a essência poderá aparecer sim, de modo conceitual e não imediato, desde que para servir às pretensões de verdade, portanto numa primeira apreensão, mascarada para a ocultação de um mundo inóspito e hostil àqueles que se põe a conhece-lo.

Essa essência também precisa aparecer exatamente como a hegeliana: mascarada em sua própria contradição. A essência não pode ser reconhecida senão junto à contradição do ente em relação àquilo que ele afirma ser. Com certeza, em face dos pretensos fatos, ela é conceitual e não imediata. Mas uma tal conceptualidade não é meramente produto do sujeito do conhecimento no qual esse sujeito mesmo se encontra por fim uma vez mais confirmado. Ao invés disso, ela exprime o fato de o mundo concebido, mesmo se isso acontece por culpa do sujeito, não ser seu próprio mundo, mas lhe ser hostil. (ADORNO, 1966, p. 144-145)

Se a própria dialética enquanto instrumento de verificação do real, de confrontação da falsidade para a sua desmistificação, de apropriação da realidade, apresenta-se com real possibilidade de ser travestida em sua dinâmica espiral de alcance a patamares superiores da realidade, prossegue a indagação do como o indivíduo pode orientar a sua relação ontologia/práxis de modo a superar a falsa consciência da realidade.

Nesta esteira, e naquilo que mais caracteriza o domínio de classe na sociedade burguesa, o agir e o pensar da classe operária contra os seus próprios interesses, temos que,

O fato de que os homens mantenham condições sociais já ultrapassadas pelo nível de suas forças e de suas necessidades, em vez de substituí-las por formas superiores e mais racionais de organização, só é possível porque camadas sociais numericamente significativas tem sua ação determinada, não pelo conhecimento, mas por uma dinâmica pulsional que falsifica a consciência... Quanto menos a ação correspondente às exigências da realidade, quanto mais as contradiz, tanto mais necessário é compreender psicologicamente os poderes racionais e compulsivos que dirigem a atividade humana. (HORKHEIMER, 1932, p. 185 apud ROUANET, 1989, p. 121)

Contudo, a tese da contradição às exigências da realidade enquanto direcionamento da ação que pretende se afastar da falsa consciência, também se mostra atualmente insuficiente na medida em que os processos de dominação se aprofundaram no aparelho psíquico humano de modo a colonizar a posição de afastamento convertendo-a em confirmação das exigências da realidade.

Por isso, “A tese de que numa era totalitária as massas agem contra seus próprios interesses está longe de corresponder a toda a verdade, (...)” (ADORNO, apud ROUANET, 1989, p 122) pois, o que se materializa, diferentemente de outrora, é a interiorização de um poder tal que, para a manifestação do esforço psíquico da parte do indivíduo,

Atualmente, esse esforço psíquico é necessário, não para reprimir o impulso, mas para não reprimi-lo. O difícil é transgredir a norma, e não observá-la: pois sua observância é facilitada por todos os automatismos de uma repressão tão abrangente que não é mais percebida como repressão. Neste sentido, uma ação objetivamente contrária aos interesses da maioria é subjetivamente racional para cada indivíduo, na medida em que representa uma poupança de energia psíquica. (...) Se o marxismo, enquanto crítica da economia política desnuda a desrazão objetiva imanente à razão capitalista, a psicanálise, enquanto crítica da consciência, pode revelar os mecanismos pelos quais o objetivamente irracional se converte em seu contrário, e é vivido como subjetivamente racional. (ROUANET, 1989, p. 122)

Depreende-se, portanto, que o poder da repressão atua de forma tão violenta que desloca o indivíduo do afastamento das exigências da realidade, para o polo de aproximação destas exigências quando este quer dela se afastar. A desrazão objetiva bloqueia o afastamento da realidade como dada por meio da violenta repressão, a ponto de fornecer uma realidade em que a objetividade irracional se converte em uma vida realizada como seu contrário, a subjetividade racional.

Este cenário explicita o grau de dominação alcançado por mecanismos que atuam sobre o aparelho psíquico dos indivíduos, retendo-os na falsa consciência quando também imobiliza a subjetividade destes indivíduos de modo a não deixarem de corresponder às exigências desta dominação.

Entretanto, para uma apropriação da realidade social hodierna em que se possa situar objetivamente o indivíduo frente ao processo de dominação, de modo a encontrar possibilidades de resistência, ainda que pese sobremaneira os mecanismos de repressão e deslocamento do indivíduo para uma realidade subjetivamente racional, busca-se o seu oposto. Busca-se a identificação de lacunas no processo de internalização das ideologias de dominação, que por mais identificadas que sejam pelos indivíduos, não são internalizadas sem a menor resistência. Por este motivo, guarda possibilidades de reajustamento na relação entre ontologia e práxis de modo a aspirar o rompimento com a falsa consciência.

Nesta direção, considera-se que a união entre o real e o racional clássicos, não pode ser representada pela união da ideologia dominante com o real por ela mesma produzido. Isso porque, “A razão clássica (Vernunft) trabalha sobre essências, e não sobre as suas manifestações empíricas; seus instrumentos são conceitos, e não fatos brutos; seu objetivo é a verdade, e não a adequação instrumental de meios e fins.” (ROUANET, 1989, p. 72)

CONSIDERAÇÕES

No que se refere às características gerais dos conceitos na razão clássica, importa saber que, “Em sua generalidade, os conceitos sempre transcendem o aqui e agora que constitui o objeto da percepção imediata, e apontam, por sua lógica interna, para a dimensão do possível, em oposição à dimensão do existente.” (ROUANET, 1989, p. 72)

Com aporte nestas características da razão clássica e dos conceitos subjacentes a ela, é possível compreender que

O real clássico é o que é, e o que não é ainda, o positivo e sua antítese, a unidade do existente e do virtual. Castrado dessa dimensão virtual, o real confunde-se com o irreal; é o puro nada, não a negatividade dinâmica cujo exercício coincide com o trabalho da razão, mas a negatividade reificada que se manifesta como o vazio da razão, (...) (ROUANET, 1989, p. 72)

Portanto, busca-se compreender o como direcionar a própria práxis para o momento de negatividade dinâmica/exercício da razão, de modo a vislumbrar a dimensão do virtual no real, vir-a-ser existente, e assim reordenar a constelação de categorias que orientam o indivíduo na realidade e constitui a sua ontologia. Contudo, o desafio centrado na ideia do devir em relativa oposição, no indivíduo, à ideia e experiência da presentificação, tempo, espaço etc, mostra-se como um grande desafio a julgar pelos efeitos constatáveis na realidade e aqui elencados sob certos ângulos, da grande prevalência dos elementos constituintes do universo da prática cotidiana em seus aspectos objetivo e subjetivo leia-se, principalmente ideológicos, a subordinar a ontologia a esta práxis cotidiana terreno em que origina e se desenvolve as ideologias.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor Wiesengrund. **Dialética negativa**. Zahar. 1966
- ADORNO, Theodor Wiesengrund. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro. Paz e terra. 1995
- ADORNO, Theodor Wiesengrund; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro, Zahar, 1985
- BERGER, Peter Ludwig; LUCKMAN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis. Vozes. 1985
- CURY, Carlos Roberto Jamil. Educação e contradição: elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo. São Paulo. Cortez. 2000
- GATTI, Bernardete Angelina. Algumas considerações sobre procedimentos metodológicos nas pesquisas educacionais. FCC/ PUC-SP. 2011
- HEGEL, Georg Wihelm Friedrich. **Fenomenologia do espírito**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1992.
- HORKHEIMER, Max. **Eclipse da razão**. São Paulo. Centauro. 2010
- HORKHEIMER, Max. **História e psicologia**. 1932
- LUKÁCS, Georg. **Para uma ontologia do ser social I**. São Paulo: Boitempo, 2012. 2v
- LUNA, Sérgio Vasconcelos de. **Planejamento de pesquisa: uma introdução**. 2. ed. São Paulo: EDUC, 2011.
- MANDEL, Ernest. **O capitalismo tardio**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 1999.
- MARX, Karl. **A miséria da filosofia**. Grandes obras do pensamento universal. Oceano. 2007
- MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004.
- MARX, Karl. **O 18 de Brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Boitempo, 2011
- ROUANET, Sergio Paulo. **Teoria crítica e psicanálise**. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro. 1989

Recebido: 18 de janeiro de 2022

Aceito: 11 de fevereiro de 2022